

## EDUCAÇÃO, MÚSICA E EDUCAÇÃO MUSICAL ENTRE OS GUARANI NO ESPÍRITO SANTO – ES.

**Rosilany dos Reis Abrante Nunes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Mestrado em Musicologia

*SIMPOM: Subárea de Etnomusicologia*

**Resumo:** Este trabalho é parte da dissertação de mestrado ainda em andamento e nele pretendo abordar a música como saber local que está intimamente ligada a outros aspectos da vida cultural guarani, numa tentativa de compreendê-la em seu contexto cultural (PINTO 2001), uma vez que as manifestações musicais são singulares e de difícil compreensão quando apresentadas fora de seu contexto cultural (MERRIAM,1964). De acordo com o Decreto Presidencial N ° 26/1991, o Ministério da Educação tornou-se o responsável legal pela implementação da política de educação indígena sob administração dos estados e municípios, no entanto, a escola de ensino diferenciado vem gerando discussões entre lideranças e professores quanto aos seus objetivos que giram em torno de preparar o estudante indígena para o “mundo externo” e da tese de que a educação escolar indígena serve para fortalecer a identidade indígena e prepará-los para uma possível “integração”. Dessa forma pretendo apresentar as relações entre a escola, a música, e a comunidade, destacando os aspectos mais evidentes no cenário cultural guarani, considerando que a literatura etnomusicológica sobre grupos Guarani aponta para a centralidade do som musical e de suas fontes na constituição da cosmologia dos Guarani (MONTARDO, 2009).

**Palavras chave:** Música, Educação, Ensino diferenciado, Guarani.

### **Education, music and Music Education among the Guarani in the Espírito Santo - ES**

**Abstract:** This work is part of the dissertation in progress, it intend to approach the music as local knowledge that is closely linked to other aspects of cultural life Guarani, in an attempt to understand it in its cultural context (PINTO2001), once that musical manifestations are unique and difficult to understand when presented out of context or their culture (MERRIAM, 1964). According to Presidential Decree No. 26/1991, the Ministry of Education became the legal guardian for the implementation of indigenous education policy under the administration of states and municipalities, however, the differentiated instruction school is creating discussions about their goals that revolve around preparing the indigenous students for "outside world" and the thesis that indigenous education is to strengthen indigenous identity and prepare them for a possible "integration ". Therefore I intend to present the relationship between the school, music and community, highlighting the aspects most evident in the cultural scene Guarani, considering that the ethnomusicological literature on groups Guarani points to the centrality of musical sound and its sources in the constitution of the Guarani cosmology (Montardo, 2009).

**Keywords:** Music, Education, differentiated instruction, Guarani.

### **Introdução**

Os Guarani estabeleceram-se no município de Aracruz após a realização de uma longa caminhada, denominada por eles como *oguata porã*, que partiu do Rio Grande do Sul,

por volta de 1940, chegando ao Espírito Santo em meados de 1960. Liderados pela xamã *Tatatxi Rewe Eté*, que iniciou sua caminhada xamanística devido a revelações sobre um lugar ideal para exercer o *tekoa porã* (modo sagrado de vida guarani), e ao chegarem em Aracruz concluíram que esse era o lugar revelado. O *oguata porã* pode ser entendido como o caminho sagrado percorrido pelos Guarani em busca da Terra sem Mal, *yvy marae~y*, conduzidas essencialmente por mulheres com funções xamânicas como aponta Ladeira (1992). O grupo Guarani de Aracruz está dividido em três aldeias, sendo elas *Tekoa Porã* (Boa Esperança), *Piraqueaçu* (Rio de Peixe Grande) e *Boapy Pindo* (Três Palmeiras), fazem parte da mesma família e dividem a mesma história, pois, descendem da xamã *Tatatxi Rewe Eté*. Em 1967, a partir da instalação da empresa Aracruz Celulose, iniciou-se a luta dos Tupinikim e dos Guarani pela posse da terra. O conflito tornou-se intenso, com a ocupação de terras indígenas por posseiros e a ação violenta da empresa que a todo instante manipulava a identidade étnica alegando não haver índios no estado, pois os Guarani vieram de fora e os Tupinikim já estavam bastante aculturados. O conflito fundiário permaneceu por aproximadamente quarenta anos. Após quatro décadas de luta pela terra, os índios Tupinikim e Guarani do Espírito Santo finalmente tiveram os 11.009 hectares homologados, em 2007.

### **A escola de ensino diferenciado**

Schadem (1964) considera aculturação toda mudança ou adaptação causada pelo contato com brancos ou qualquer outra etnia. O autor considera três aspectos desse processo de aculturação – o sistema social, econômico e político, sem levar em conta o aspecto biológico que se dá através do casamento interétnico.

A escola de ensino diferenciado na aldeia interfere nos três aspectos estudados por Schadem: no social, porque interfere no modo de transmissão de saberes; no econômico, porque o principal objetivo da escola de ensino diferenciado na aldeia é a integração o indígena no mercado de trabalho e no político, porque por meio do estudo se tornam mais conscientes e seguros para lutarem por seus direitos.

Houve grande resistência quanto à implementação da educação indígena nas aldeias Guarani, pois os mais velhos e mais tradicionais temiam que a escola os fizesse esquecer, alterar e modificar o seu modo de ser, pensar e educar. A referência que tinham da escola era de uma instituição externa que proibia o uso da língua guarani, impunha a língua portuguesa e castigava. Em meados dos anos 90 essa visão começou a mudar com a participação das lideranças em encontros e assembleias chamadas de *Ñemboaty Gyuasú*. A partir desse contato com grupos Guarani de vários estados e do conhecimento de experiências de educação escolar

indígena, é que o grupo Guarani do ES começa a refletir sobre o papel e a necessidade da escola nas aldeias. Antes de 1991, a educação escolar era de responsabilidade da FUNAI e dos governos municipal e estadual. Sendo que algumas escolas eram mantidas pelo município e pelo governo do Estado. Além disso, os professores eram não índios. Na maioria dos casos, tratava-se de funcionários da FUNAI e em outros, eram professores da rede estadual e municipal. A educação escolar indígena passou a ser repensada por meio de órgãos governamentais e não governamentais. Em 1995, realizou-se, no município de Aracruz, o Primeiro Seminário de Educação Indígena no Espírito Santo. A intenção desse seminário era refletir sobre as políticas destinadas à educação diferenciada. Em 1998, o Segundo Seminário foi realizado com o intuito de debater as experiências, desafios e possibilidades da educação, bem como a elaboração de um currículo diferenciado. Participaram deste seminário lideranças indígenas, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU), Secretaria Municipal de Educação de Aracruz (SEMED), Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Instituto para o Desenvolvimento de Educação de Adultos (IDEA) e Pastoral Indigenista. Os principais temas debatidos neste encontro foram experiências de políticas para a educação indígena, cursos de formação de professores, o ensino intercultural e os relatos de experiências de professores indígenas.

Devido à reivindicação da atuação de professores das aldeias, de 1996 a 1999, foi realizado o curso de formação de magistério indígena, cujos principais objetivos foram implementar a educação indígena específica e diferenciada, intercultural e bilíngue; elaborar propostas de conhecimento com processos próprios de aprendizagem dos povos indígenas e também de outros povos; e produzir material didático que valorizassem as culturas Tupinikim e Guarani.

Como resultados desse curso foram elaborados pelos alunos indígenas dois livros editados pelo MEC: “Os Tupinikim e Guarani contam” e “Tupinikim e Guarani na luta pela terra”. A partir do curso de Guarani foi elaborado o livro de Etnomatemática Guarani, *Arãdu Porã Rape*, escrito em língua materna.

Em 1999, a prefeitura municipal de Aracruz realizou o primeiro concurso de professores indígenas. A partir deste concurso, dois professores guarani iniciaram seus trabalhos nas aldeias. Em 2001, as lideranças Guarani do litoral sul e sudeste decidiram sobre a necessidade de um curso de formação específico. Para atender a essa demanda, a FUNAI, o MEC e os governos estaduais estabeleceram uma relação de parceria e implantaram o Programa de Formação Escolar Guarani da Região Sul e Sudeste do Brasil denominado *Kuaa Mbo'e* que significa Conhecer / Ensinar.

As lideranças guarani relatam que a educação dos brancos atualmente é voltada para questão profissional e financeira. Na educação Guarani os jovens aprendem respeito e sobrevivência, são educados para respeitar os mais velhos, a natureza e os outros povos, bem como a sobrevivência na mata, a forma certa de plantar, colher, caçar, onde achar as ervas para elaboração de remédios, enfim, aprendem os costumes e tradições para viverem em harmonia com as pessoas e com a natureza. De acordo com o cacique Nelson da aldeia *Boapy Pindo*, “A educação nas escolas de ensino diferenciado não pode ser só para aprender a ler e escrever em português. A escola guarani deve ensinar a própria história, sobre as lutas e os direitos, deve ensinar também a língua e os costumes”.

Sob o ponto de vista dos professores guarani, a educação diferenciada está longe do idealizado por eles. O grupo possui duas escolas: a primeira, fundada em *Tekoa Porã*, em 1987, que atualmente não está em funcionamento devido à falta de manutenção do prédio, e a segunda em *Mboapy Pindo*, em 2000. Faltam professores para algumas disciplinas pela burocracia da secretaria de educação do município de Aracruz, que não aceita contratar professores pelo notório saber. Do primeiro ao quinto ano os professores devem ter o magistério guarani, do sexto ao nono ano só são contratados professores com graduação. A aula de educação física, por exemplo, poderia ser trabalhada através das danças, mas não tem professor com a formação necessária. Para os professores, é necessário haver uma desconstrução do modelo atual de escola para a criação de uma verdadeira escola de ensino diferenciado. O ensino diferenciado nas aldeias guarani funciona parcialmente, pois a prefeitura não leva em consideração os costumes, tradições, forma de transmissão de saberes e calendário. Um exemplo disso é o caso da merendeira. A mulher guarani não deve cozinhar no período da menstruação e deve evitar sair de casa, a prefeitura exige o cumprimento da carga horária através do ponto e exige que as merendeiras cozinhem independente dos seus costumes. A secretaria de educação não leva em conta o calendário guarani e sim o calendário comum a todas as escolas. Outro problema relatado pelos professores é a questão do aprisionamento dos alunos dentro do prédio da escola, os alunos se sentem presos e desmotivados. De acordo com os professores guarani o conteúdo disciplinar deveria ser de acordo com uma temática comum a todas as disciplinas e trabalhadas em conjunto, o professor de história trataria dos mitos, o de português faria entrevistas e redações sobre o tema, o de educação física poderia abordar as danças relacionadas aos rituais que envolvem o tema e assim por diante. Os professores não índios apoiam os professores guarani dentro do possível relacionando aspectos da cultura guarani com o conteúdo obrigatório nas escolas. “Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua

particularidade” (GEERTZ, 1989:10). Para o bom funcionamento da escola guarani faz-se necessário, primeiramente, o conhecimento da cultura, reconhecer a escola como um espaço revelador de conflitos entre dois mundos distintos, o índio e o não índio e que, como espaço de conflitos, traz a afirmação da identidade étnica dos Guarani diante de um modelo educativo e de uma instituição externos à sua cultura, em que deveria predominar o *nhandereko*, o modo de ser guarani.

Há um consenso entre lideranças, professores e alunos quanto a real função da escola, ao conhecimento necessário para conhecer seus direitos e aos meios de lutar por eles, bem como à comunicação com os brancos, facilitando a negociação do trabalho fora da aldeia sem perder os elementos de sua cultura. “A escola não está 100% mas respeita alguns costumes e o uso da língua guarani”.<sup>1</sup>

### **A Educação Guarani**

A transmissão de saberes entre os Guarani se dá por meio da oralidade e do exemplo. Os filhos observam e participam das tarefas diárias dos pais, que estão sempre ensinando o porquê de fazerem as coisas da forma que fazem. Desta forma aprendem pelo exemplo e por imitação. Além do aprendizado em casa com os pais, as crianças e jovens se reúnem na casa de reza para rituais cotidianos e para ouvir os ensinamentos e conselhos dos mais velhos sobre mitos, transformações e obrigações adquiridas com a puberdade, costumes da vida de casado, enfim, sobre todos os aspectos cotidianos do grupo.

A prática musical do grupo é uma forma de reafirmar conhecimentos tradicionais, assim como de incorporar na tradição elementos novos advindos das relações interpessoais nas terras indígenas, das interações entre diferentes comunidades indígenas e resultantes do contato intercultural (PINTO, 2001). O conhecimento musical é transmitido de forma oral e principalmente no ambiente familiar, com cânticos específicos para acalmar e ninar as crianças. Desde cedo as crianças recebem a revelação dos cânticos através do sonho, que depois são apresentados e ensinados na casa de reza para uso coletivo. Os cânticos e instrumentos são ensinados pelo exemplo e por imitação. A maioria diz aprender sozinha ou vendo os outros fazerem. “Os Guarani cantam pra tudo, pra acalmar o espírito da criança, pro batismo das crianças, das sementes que vai plantar, na colheita, e na casa de reza. Toda noite tem canto na casa de reza”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Fala do Cacique Nelson da aldeia *Boapy pindo*.

<sup>2</sup> Fala do pajé Jonas da aldeia *Tekoa Porã*.

Os jovens participam dos corais guarani e não há idade específica para entrar ou sair do coral. Entre as funções do grupo coral foram relatados o conhecimento dos cânticos sagrados, a ênfase no domínio da língua guarani, a preservação e divulgação da cultura guarani. Os cânticos permitidos aos não índios são os cantados nos corais que costumam fazer apresentações públicas para mostrarem que ainda preservam sua cultura e para arrecadar recursos para a aldeia.

### **Música e música Guarani**

Os Guarani valorizam o processo de transmissão oral. A comunidade Guarani considera a vida e o modo de viver como sagrado – *tekoá porã* – e busca preservar os elementos essenciais de sua cultura e cosmovisão: a Língua Guarani e a Religião. Desta forma o papel dos mais velhos, dos sábios, dos rezadores, da oralidade e da memória, é muito importante para a sobrevivência da comunidade e pra sua resistência ao contato.

A literatura etnomusicológica sobre os Guarani apontam para a centralidade do som musical e de suas fontes na constituição da cosmologia dos Guarani (MONTARDO 2009). Os *mboraí*, cânticos sagrados, executados no espaço ritual dentro da *opy*, casa de reza, mediam a comunicação com as divindades e os ancestrais e dinamizam a construção dos corpos, possibilitando a transformação das pessoas de tristes em alegres, de pesadas em leves e ágeis. A participação das crianças é valorizada enquanto participantes rituais que estão sendo educadas no modo de vida Guarani. Somente alguns rituais realizados fora da *opy* podem ser presenciados e registrados pelos não índios, com raríssimas exceções. Isso acontece talvez como forma de proteger e fazer valorizar aspectos de sua cultura. O repertório musical é constituído pelos *mboraí* (cantos sagrados) e se referem a temas da cosmologia Guarani, porém há diferença entre os cânticos executados dentro e fora da *opy*. A performance dos *mboraí* fora da casa de reza é tão sagrado quanto o mesmo dentro da casa de reza, no entanto na *opy* não há letra embora haja o uso da voz. Os *mboraí* são acompanhados por instrumentos musicais e entre os mais usados estão o *mbaraká mirim* (chocalho), o *mbaraká* (violão de cinco cordas), a *ravé* (espécie de violino de três cordas) e *angu'a'pu* (tambor). Há restrição de alguns instrumentos fora da *opy* especialmente em apresentações públicas.

No entendimento guarani o termo música está relacionado aos *Djuruá* (pessoas não indígenas), mas também usam a palavra música para se referir aos seus *mboraí* principalmente ao falarem com pessoas de fora da aldeia, deixando claro a diferença entre música *djuruá* e a música guarani, *mboraí*. Dizem que a música *djuruá* agrada ao corpo, enquanto a música guarani, *mboraí*, busca a espiritualidade. Os cantos guarani são sagrados,

sejam eles instrumentais, vocais ou os sons da natureza, pois para eles a natureza é criação de *Nhanderu*<sup>3</sup> e esta também lhe presta homenagens.

### Conclusão

Segundo o pajé Jonas da aldeia *Tekoa Porã*, “a força do *txondaro*, guerreiro guarani, está no espírito que se fortalece na prática dos costumes”. A escola de ensino diferenciado ainda não atende a todas as necessidades das aldeias em questão, mas é vista como positiva entre as lideranças locais, pois possibilita, ainda que parcialmente, o diálogo entre a cultura *djurua* e a cultura guarani. De acordo com os jovens da aldeia, a prática musical do coral guarani possibilita a preservação da cultura guarani. Eles assumem que ouvem música de branco, forró, sertanejo, rock, rap, mas alegam não esquecerem os cânticos sagrados, porque todas as noites estão nas reuniões na casa de reza, pra cantar e dançar em respeito à *Nhanderu* e pra não se esquecerem de quem são. Entre a educação guarani e a escola diferenciada, a oralidade e a escrita, os *mborai* guarani e a música *djuruá*, o preconceito e a afirmação da identidade, o grupo Guarani de Aracruz – ES consegue resistir e se adaptar. Aceitam uma nova ferramenta como a escola como forma de sobrevivência física e cultural. Acreditam que a força do Guerreiro Guarani está no conhecimento de seus costumes e que quando se esquecerem de suas tradições e do seu *nhandereko* (modo de vida Guarani), deixarão de ser Guarani.

### Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, Dezembro, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Decreto nº 33.033/2003. [www.see.rj.gov.br](http://www.see.rj.gov.br). Acessado em 18/08/2007.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- LADEIRA, M. I. *O caminhar sob a luz: O território mbya à beira do oceano*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PPGCS/PUC-SP, São Paulo, 1992.
- MERRIAM, A. P. *The anthropology of music*. Illinois:Northwestern University Press Evanston, 1964.

---

<sup>3</sup> *Nhanderu* – Divindade Guarani – *nhande* = nós todos e *ru* = pai, traduzido como pai de todos nós ou pai da humanidade.

MONTARDO, D. L. O. *Através do Mbaraka: música, dança e xamanismo guarani*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PINTO, T. O. Som e música: Questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-770120010001000007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-770120010001000007&lng=en&nrm=iso). Acessos em 16 maio 2012.

SCHADEN, E. *Aculturação indígena: Ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1969.